

“Costumes dos italianos”: os padres palotinos frente às crenças dos imigrantes italianos.*

Maíra Ines Vendrame**

Resumo

A partir de 1877, imigrantes italianos se instalaram na Colônia Silveira Martins – no centro do Rio Grande do Sul –, trazendo da pátria de origem crenças que se caracterizavam como pertencentes ao mundo rural. Preocupando-se com problemas imediatos de suas vidas – como a saúde, as colheitas e controle das intempéries – reviveram algumas das práticas de sua cultura agrária. Frente a essa visão de mundo, os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões (padres palotinos), representantes da Igreja ultramontana, tiveram que ser compreensivos, uma vez que não podiam se furtar a assumir o papel que os imigrantes solicitavam. Através da análise de manuscritos, memórias e relatórios produzidos pelos primeiros padres palotinos que trabalharam na região colonial, percebe-se como esses dialogaram com as crenças dos imigrantes com o propósito de conquistar maior espaço nas comunidades.

Palavras-Chave: Imigração Italiana – Rio Grande do Sul – Cultura Agrária

A cultura agrária dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul

O mundo rural da península itálica encontrava-se povoado por uma variedade de práticas que remontavam a tradições antigas. Através da obra de Carlo Ginzburg, que estudou a cultura camponesa na Itália dos séculos XVI e XVII, pode-se perceber que certas crenças em bruxas e ritos à fertilidade faziam parte de uma vasta cultura oral com origens pagãs que se difundia nos quatro cantos da Europa e que não desapareceu totalmente frente à expansão da religião católica na época moderna. Para o mesmo pesquisador, “a convergência da religião ortodoxa e da religião demoníaca sobre um mesmo plano de religiosidade elementar mostra, com clareza luminosa, como poderia ser estreito o limite que as separa”, principalmente nas áreas rurais, onde a fé religiosa encontrava-se mesclada com práticas pré-cristãs.¹

Os imigrantes italianos que chegaram à ex-Colônia Silveira Martins possuíam uma variedade de crenças próprias de uma cultura agrária,² por isso deve-se compreender em que

* Este texto é parte do quarto capítulo de minha dissertação de mestrado defendida em março de 2007, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

** Licenciada em História pela UNIFRA; Mestre em História pela PUCRS e autora do livro: “*Lá éramos servos, aqui somos senhores*”: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

¹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 33.

² Carlo Ginzburg aponta algumas das crenças agrárias dos camponeses da região do Friul entre os séculos XVI e XVII. Cf. GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos Agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 106.

medida a sua “profunda religiosidade” estava em concordância com a descrita pelos cânones tridentinos. Mesmo sendo a Igreja ultramontana conhecida por eles desde sua pátria de origem, precisa-se entender como se relacionaram com o modelo de religião proposto pela Igreja Romana, e como os sacerdotes palotinos lidavam com as práticas populares e concepções religiosas dos colonos.³

Entre os descendentes de italianos, Iloni Fochesatto⁴ afirma que existem “crenças mágicas que, inegavelmente, exprimem uma experiência do sagrado, mas que, por outro lado, dificultam a vivência em profundidade de uma fé centrada no Mistério Pascal”. É importante lembrar que essa visão de mundo é característica das sociedades agrárias com formação antiga, e, ao que parece, fazia-se presente entre os imigrantes italianos que chegaram à Colônia Silveira Martins. Para os colonos tais crenças não dificultaram a vivência dos sacramentos, mas, para os sacerdotes palotinos, a religiosidade popular era uma questão que devia ser controlada.

Segundo Carlo Ginzburg, existia a concepção entre os camponeses friulanos do século XVI de que os “benandanti” saiam à noite com ramos de sorgo para combater à ação das bruxas e feiticeiras que se opunham à fertilização dos campos. Mas eles não eram os únicos a trabalhar nesse sentido, uma vez que a própria Igreja esforçou-se para proteger as colheitas e afastar a fome, através de orações e procissões em torno dos campos. Os camponeses friulanos procuravam salvar os frutos das lavouras e colheitas, não somente por meio de atividades campestres, mas também através da confiança nas virtudes das procissões eclesiais ou, eventualmente, nas batalhas noturnas vitoriosamente travadas pelos “benandanti”.⁵

Os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões tiveram que exercer tarefas semelhantes às referidas acima, pois os imigrantes desejavam ter seus campos protegidos contra as intempéries. A população procurava fazer com que as forças sagradas agissem no sentido de atender suas necessidades cotidianas, estabelecendo uma relação de troca com o sagrado, ao solicitarem proteção às lavouras, aos bens materiais e à saúde das pessoas. Essa última era

³ O pesquisador Emilio Lauri Wirth afirma que se deve relativizar a tese de que a Igreja que os imigrantes encontraram no Rio Grande do Sul teria causado grande estranheza. Isso porque a religiosidade dos colonos era permeada por “práticas mágicas e por uma espiritualidade difusa e autônoma, bem distinta daquela descrita pelos cânones tridentinos”. WIRTH, Lauri Emilio. “Em busca de memórias marginais – Um comentário sobre a conferência ‘A igreja dos imigrantes’”. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST, 2002, p. 75.

⁴ FOCHESTATTO, Iloni. *Descrição do culto aos mortos entre os descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: UCS, 1977, p. 45.

⁵ GINZBURG, *Op. cit.*, 1988, p. 44.

uma das vontades constantes que fazia com que os colonos recorressem a diversos santos. O resultado desses acordos pode ser percebido na quantidade de capitéis e santuários que se encontram espalhados pelas estradas das comunidades coloniais. Fruto da religiosidade popular, essas obras possibilitam compreender, em parte, a vivência religiosa dos imigrantes.⁶

Na região colonial de Silveira Martins, o imigrante Vicente Guerra fez a promessa de mandar construir uma capela a Nossa Senhora da Pompéia, pois se encontrava “gravemente enfermo e todos os remédios pareciam impotentes contra a doença”. Por ter alcançado a cura, a obra foi elaborada com sucesso.⁷ Preces aos santos, no sentido de atender os problemas de saúde e outras emergências cotidianas, eram comuns entre os imigrantes italianos e descendentes. Os santos são tomados como especialistas, o que leva a uma freqüente busca por auxílio através da realização de missas e, também, de outras devoções.

Em 1906, na comunidade de Alfredo Chaves, na Serra gaúcha, a população fez uma promessa, com o objetivo de afastar a praga de gafanhotos que atacava as lavouras, erigindo uma capela em devoção a Nossa Senhora de Lourdes. Nesse caso, a obra concretizou-se frente à liderança de um frei capuchinho, mas o tipo de manifestação religiosa era fruto da visão de mundo dos imigrantes, cuja religiosidade atendia suas aflições imediatas. Através da construção de uma “capelinha”, constituíam vínculos com determinados santos, possibilitando que se estabelecesse uma relação de troca com o sagrado.

A Igreja do período medieval recomendava o uso de orações e ervas medicinais a seus fiéis para tratar dos doentes, enquanto que os sacerdotes alimentavam a idéia de que a recitação de orações tinha uma eficácia mecânica sobre os doentes. Deste modo, “as capelas da Baixa Idade Média foram construídas na crença de que a oferta periódica de orações teria um efeito benéfico sobre a alma do fundador”. A quantidade de missas também tinha uma importância mágica no sentido de obter o êxito das preces.⁸

Para Jérri Roberto Marin,⁹ a religiosidade popular desempenhou um importante papel na reconstrução grupal dos imigrantes por meio da “criação espontânea de capelas”. Faz referência, então, às primeiras capelas construídas na Colônia Silveira Martins: a de Nossa

⁶ É comum as famílias de imigrantes italianos construírem capitéis em suas propriedades para solicitarem ajuda aos santos a fim de resolver as dificuldades do dia-a-dia. COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo I. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. v. 2. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983, p. 637.

⁷ SCHWINN, Frederico. *Freguesia Silveira Martins*. Caderno b, p. 24, Caixa 5, Missão Brasileira, AHPNSC.

⁸ THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra do século XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 47.

⁹ MARIN, Jérri Roberto. “*Ora et Labora*”: o projeto de restauração católica na ex-Colônia Silveira Martins. Porto Alegre: UFRGS, 1993, 119. (Dissertação de Mestrado).

Senhora da Saúde, a do Rosário e a das Graças. Elas simbolizavam “a esperança de proteção e de saúde”, onde os “traumas do tifo, da febre amarela e de outras doenças infecto-contagiosas” eram freqüentes, sendo também uma “forma de superar a ausência de um médico entre eles,” afirma Marin. Para os problemas de saúde e outros males, existiam santos específicos, que, para os colonos, possuíam poderes para curar. Dentre eles se encontrava São Roque, contra epidemias e pestes; São Brás, contra os males de garganta; Santo Antão, para curar doenças de animais domésticos; São Patrício, contra cobras e serpentes etc.

Mas o fato de os imigrantes estabelecerem esse tipo de relação com o sagrado não estava ligado à ausência de médicos, mas, antes, a uma forma de religiosidade própria do grupo. Segundo sua visão, as doenças tinham origens sobrenaturais, por isso nada mais seguro do que recorrer aos santos para obter a cura de seus males. Provavelmente, havia a concepção de que as doenças estavam associadas aos pecados cometidos.

Em pesquisa sobre a secularização da morte, no Rio de Janeiro, Claudia Rodrigues¹⁰ afirma que parte da população acreditava que a doença do corpo estava relacionada à doença da alma, sendo, portanto, compreensível a relação entre sacramentos, orações e a cura do enfermo. A compreensão da doença como resultado de causas sobrenaturais justificava o destaque dado para as questões envolvendo a preparação para a morte. O processo de cura do corpo passava, inicialmente, pela cura da alma, por isso a grande importância do sacramento da penitência e o culto aos santos. A autora ressalta ainda o papel indispensável do sacerdote na cabeceira do enfermo ou do moribundo, em detrimento da figura do médico.

***“Encontrei em todas as famílias objetos que eu tive que benzer”*: a importância das bênçãos**

As crenças dos imigrantes italianos, que se fixaram na Colônia Silveira Martins, foram revividas nos locais onde se estabeleceram, sendo concretizadas em novas experiências.¹¹ O

¹⁰ RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 275.

¹¹ Para Jean-Claude Schmitt, a teoria das ‘sobrevivências’ torna-se sem sentido, pois numa cultura nada sobrevive “tudo é vivido ou não é”. As crenças que remontam a tradições pagãs devem ser visualizadas como vivências, ou seja, elas são vividas por determinadas populações e por isso não devem ser entendidas como reminiscências culturais. Para Jean-Claude Schmitt, a teoria das ‘sobrevivências’ torna-se sem sentido, pois numa cultura nada sobrevive “tudo é vivido ou não é”. As crenças que remontam a tradições pagãs devem ser visualizadas como vivências, ou seja, elas são vividas por determinadas populações e por isso não devem ser entendidas como reminiscências culturais. Jean-Claude Schmitt, apud. SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a*

padre palotino Francisco Burmann, que primeiramente se instalou em Vale Vêneto, faz referência à frequência com que aqueles pediam para que fossem realizadas bênçãos para proteger as plantações atacadas por gafanhotos.¹² É importante analisar como os imigrantes, dentro do seu mundo, criaram meios para fazer com que suas crenças fossem atendidas, e como os sacerdotes reagiram frente a essas situações e quais instrumentos usaram para garantir e afirmar o seu controle.

Em relação às atividades realizadas nas comunidades coloniais, Francisco Burmann relatou que, a “pedido do povo”, tinha de passar de casa em casa para benzer os animais, as pessoas enfermas, as sementes, os galpões e as próprias residências. Outros exemplos apresentados também podem dar explicações a respeito do trabalho desempenhado pelos padres palotinos entre os colonos:

(...) conheci todas as casas daquela picada, todas as vacas, porcos e galinheiros. Os colonos dão quase mais importância às bênçãos dos currais do que ao das próprias casas. Se Deus abençoa os animais, dizem eles, não há mais miséria na família (...). *Encontrei em todas as famílias objetos que eu tive que benzer. Na mesa da sala de comer, estavam bacias cheias de milho e sal para o gado doente e também lenços de cabeça, de bolso, camisas e pão para os membros grandes e pequenos doentes da família.*¹³ (sem grifos no original)

Entre a população colonial, existia a crença de que a bênção tinha o poder de modificar diversas situações, sendo usada para resolver os problemas físicos e proteger animais. Os padres que atuaram no meio rural tiveram que conviver e legitimar as crenças que faziam parte da visão de mundo dos imigrantes. As visitas às famílias exigiam que o sacerdote atendesse o costume dos italianos de benzer todas as suas posses e, mesmo que não acreditasse, acabava por assumir um papel cada vez mais importante frente às pessoas. Através das atividades realizadas pelos padres palotinos nas comunidades, pode-se compreender o tipo de religiosidade dos colonos.

As explicações abstratas do catolicismo doutrinal não tinham tanta importância para os imigrantes, uma vez que a religião deveria ter uma utilidade prática. Essa questão pode ser

terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 99.

¹² BURMANN, 1910, Caixa 2, Missão Brasileira, AHPNSC.

¹³ Idem.

percebida quando das visitas realizadas pelos clérigos às famílias, visto que era nesses momentos que se aproximavam das pessoas para atender suas necessidades cotidianas:

É costume entre os italianos que o padre, cada ano, visite a família e benza todas as suas posses. Eu acho muito louvável este costume, pois, em primeiro lugar, o padre, nessa oportunidade, aprende a conhecer melhor as suas ovelhinhas. Onde for necessário, pode dar um bom conselho e também dizer uma palavra dura, quando numa ou noutra família nem tudo está em ordem, como deve ser nas famílias cristãs.¹⁴

Como determinadas práticas, bênçãos e rituais conferiam consolo às aflições cotidianas dos colonos, os sacerdotes não podiam ignorá-las, devendo atender aos pedidos dos imigrantes. O costume de que o padre, uma vez por ano, visitasse as famílias para realizar a bênçãos de suas posses, foi entendido por Francisco Burmann como um momento oportuno para conhecer e estabelecer certo controle sobre as práticas daqueles. Nessa ocasião, também podia pregar aos fiéis, alertando-os a respeito do cumprimento dos sacramentos.

Ao exercerem seu trabalho, os sacerdotes estabeleciam vínculos com os imigrantes atendendo suas necessidades religiosas mais íntimas e particulares. Segundo o exemplo apresentado, pode-se, então, afirmar que os interesses de ambos os grupos acabavam por convergir, pois os padres contentavam a população com suas visitas, ao mesmo tempo em que fiscalizavam o comportamento das famílias.

A distância que separava os padres, representantes do catolicismo oficial, e os imigrantes, praticantes de uma religiosidade popular, não impediu a comunicação entre ambos. Os sacerdotes da Missão palotina aproximaram-se da cultura agrária dos imigrantes no sentido de dialogar com ela, conquistando, assim, a confiança dos colonos. Quando, em 1906, o padre Frederico Schwinn passou a atender a sede da ex-Colônia Silveira Martins, para tomar conhecimento da “Freguesia, visitou todas as famílias, indo benzer as casas conforme o costume italiano”. Para o fortalecimento da religião, “contribuiu a pregação mais intensa” e também o freqüente serviço religioso nas capelas. Através da realização dessas atividades, notou que ocorreu a “diminuição das blasfêmias e maior respeito e santificação das festas”. Se, para o sacerdote era trabalhoso realizar a bênção das casas dos imigrantes, ao mesmo tempo era visto como “vantajoso para o movimento religioso”.¹⁵

¹⁴ Id. Ibid.

¹⁵ SCHWINN, s/d, caderno b, p. 22, Caixa 5, Missão Brasileira, AHPNSC.

Vânia Merlotti apresenta a declaração de um clérigo que atuou entre os imigrantes da Serra gaúcha, assegurando que “o desejo dos colonos (...), era que tudo o que possuíssem fosse bento e nós tínhamos de benzer tudo”. Não somente as casas das famílias deveriam ser bentas, mas também os parreirais, as plantações ao redor da casa, as árvores, os animais e os chiqueiros. Afirma que, com a proibição das visitas às benzedeadas, aumentou o número de pessoas que passaram a procurar o padre para benzer diversas doenças físicas.¹⁶ Se, por um lado, os sacerdotes espantavam-se frente às crenças dos imigrantes, por outro tiveram que ser condescendentes com esse tipo de manifestação.

Alguns padres ficaram muito conhecidos entre a população colonial devido ao empenho em atender às diversas necessidades que se apresentavam. Francisco Burmann era até “chamado de santo pelo povo, e suas bênçãos eram muito acatadas. Sabia desfazer intrigas entre as famílias e desmascarar os curandeiros, espíritas e bruxas, por isso se valeu muito das pregações, da catequese e das visitas às famílias”.¹⁷ Dessa maneira, o padre foi adquirindo prestígio, respeito e confiança na região da ex-Colônia Silveira Martins.

A catequese e a pastoral entre os colonos poderiam ter modificado as diferentes formas de pensar a “religião popular”. Foram freqüentes os exemplos de pregadores que se serviram dos períodos de calamidades para afirmar que tais momentos eram “puro castigo de Deus. Secas, enchentes, gafanhotos eram, muitas vezes, explicados como castigos contra os blasfemadores que não freqüentavam a igreja”.¹⁸ A explicação dada pelos sacerdotes tinha repercussão entre a população, pois ela se aproximava da maneira como interpretavam os acontecimentos que afligiam o seu cotidiano.

O sacerdote Luigi Marzano, que trabalhou entre os imigrantes italianos da Colônia de Urussanga em Santa Catarina, alegou que alguns capelães tornaram-se famosos devido às suas atividades. Vinham de longe ouvi-los, isso porque “benziam qualquer coisa”, como “pessoas doentes, animais, casas e até a uva quando não queria fermentar”. Na seqüência, falou do sucesso de um padre por causa de suas bênçãos às gestantes:

¹⁶ MERLOTTI, Vânia B. P. *O mito do padre entre os descendentes italianos*. 2ª ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979, p. 73-5. Segundo Luis Alberto de Boni e Rovílio Costa, entre os italianos do Rio Grande do Sul era forte a crença nas benzedeadas. As pessoas recorriam a elas para benzer as mais diversas doenças, como também para afastar feitiços sobre seus bens materiais. DE BONI; COSTA, *Op. cit.*, 1984, p. 176.

¹⁷ Essas declarações encontram-se na biografia do padre Francisco Burmann fixadas junto aos seus escritos. BURMANN, 1910, Caixa 2, Missão Brasileira, AHPNSC.

¹⁸ COSTA, Rovílio. “Culto a Maria entre os descendentes italianos no Rio Grande do Sul”. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 2, Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 536.

(...) o padre se tornou famoso por causa de suas bênçãos às gestantes e, ainda hoje, é vivamente lembrado. A esta bênção dava certa solenidade, vestia uma sobrepeliz, tomava de um aspersório formado por raminhos e ia para a porta da capela. Ali, feita uma primeira aspersão, dava à gestante a orla de seu casaco e acompanhava-a ao altar.¹⁹

A simpatia à figura do sacerdote crescia à medida que ele correspondia às crenças dos imigrantes. Atribuindo às cerimônias características “mágicas” ao oferecer à gestante a orla do seu casaco, aquele aumentava sua credibilidade por estar realizando o ritual de cura.

Os freis capuchinhos que trabalharam entre os imigrantes italianos da Serra gaúcha expressaram a sua condenação a determinadas crenças. Nos núcleos coloniais ou em outros locais do Rio Grande do Sul, afirmavam que tinham que “lutar contra esta praga moral”, isso porque as populações realizam “orações que, muitas vezes, não têm sentido algum”, atribuindo-lhes, geralmente, “um efeito milagroso e surpreendente”. Também possuem um “espírito supersticioso”, dando importância para “pormenores insignificantes”, como o de acreditar em bruxas e persegui-las.

Por causa de certas crenças “mágicas” dos colonos, frei Bruno de Gillonnay²⁰ comentou que os clérigos deviam cuidar para que essas não prejudicassem a administração dos sacramentos. Os imigrantes solicitavam bênçãos para os animais daninhos, como formigas, ratos, gafanhotos, além de casas, campos, plantações, como também para os doentes e mulheres grávidas. Essas bênçãos podiam ser toleradas, uma vez que eram “litúrgicas”, mas a “idéia supersticiosa muito espalhada de que a eficácia depende da boa ou má vontade do padre” devia ser combatida. Segundo Gillonnay, os padres deviam trabalhar com muita paciência para “eliminar do espírito dos colonos” o que existia de supersticioso. Mas o que se mostrava difícil para o ministério sacerdotal eram as “bênçãos contra os feiticeiros ou exorcismos contra fantasmas e obsessão”. Havia a dificuldade em explicar que não existia feitiçaria, mas “acreditava que através da luta nas pregações públicas e advertências particulares” contra tal crença, poderiam alcançar resultados favoráveis.

Uma das premissas básicas que o padre apontou frente à visão de mundo dos imigrantes era a de ser tolerante, devendo trabalhar pacientemente para eliminar tais

¹⁹ MARZANO, Pe. Luigi. *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*. Florianópolis: UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985, p. 126.

²⁰ D'APREMONT, Bernardin & GILLONNY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896 –1915)*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976, p. 109-14.

concepções. Tinham consciência de que essa tarefa não era fácil. Deve-se considerar o fato de que havia uma distância entre o discurso dos sacerdotes pertencentes às ordens religiosas ultramontanas e a prática cotidiana exercida por eles entre as populações coloniais.

O padre Francisco Burmann afirmou que precisava atender os mais variados pedidos dos colonos, indo ao encontro dos seus desejos. Quando gafanhotos atacavam as lavouras, e os ratos assaltavam “as moradias e os galpões, comendo tudo o que era comestível”, recorriam a ele para que realizasse exorcismos. O mesmo benzia as casas, as estrebarias e os animais domésticos, como também fazia “exorcismos contra os ratos”, pois as famílias do lugar queriam se “defender dos roedores que causam estragos”.²¹ O padre se mostrou receptivo ao pedido dos imigrantes para realizar os exorcismos, contudo, aproveitava tais ocasiões para dar conselhos às famílias.

Embora o pesquisador Keith Thomas desenvolva sua pesquisa sobre as crenças populares na Inglaterra do século XVI e XVII, acredita-se que o estudo pode ajudar a entender certas práticas dos imigrantes italianos. Em relação ao período medieval, o mesmo declara que os sacerdotes realizavam exorcismos para “tornar os campos férteis, velas sagradas para proteger os animais, e pragas formais para afastar lagartos e ratos e matar ervas daninhas”. A Igreja atuava como “repositório de poderes sobrenaturais, que podiam ser distribuídos aos fiéis para auxiliá-los em seus problemas cotidianos”. Era inevitável que a Igreja, os padres e todo o aparato sagrado congregassem uma série de crenças populares, que atribuíam aos objetos religiosos um poder mágico que os teólogos nunca haviam reivindicado.²²

Quando os imigrantes italianos recorriam aos sacerdotes para realizarem um exorcismo ou uma bênção para curá-los, esses atendiam seus pedidos, sendo compreensíveis com sua visão de mundo. Sabiam da importância desses momentos para demonstrar seu poder e conquistar o posto de serem os únicos a ter controle do sobrenatural. Compreende-se, desse modo, como foi se construindo no cotidiano dos colonos a convicção de que o poder do sacerdote era infalível. Os palotinos tiveram que conquistar seu espaço e, para que isso acontecesse, dialogaram com a visão de mundo dos colonos.

Referências Bibliográficas

²¹ BURMANN, 1910, p. 60, Caixa 2, Missão Brasileira, AHPNSC.

²² THOMAS, *Op. cit.*, p. 40.

- CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. *Diálogos sobre religiosidade popular*. São Paulo: USP, Programa de Pós-Graduação de História Social, 2000. (*Relatório para exame de qualificação*).
- COSTA, Rovílio. “Culto a Maria entre os descendentes italianos no Rio Grande do Sul”. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 2, Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo I. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. v. 2. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- D’APREMONT, Bernardin & GILLONNY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896 –1915)*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976.
- FOCHESATTO, Iloni. *Descrição do culto aos mortos entre os descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: UCS, 1977.
- GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos Agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARIN, Jérri Roberto. “*Ora et Labora*”: o projeto de restauração católica na ex-Colônia Silveira Martins. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado).
- MARZANO, Pe. Luigi. *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*. Florianópolis: UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.
- MERLOTTI, Vânia B. P. *O mito do padre entre os descendentes italianos*. 2ª ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS.
- RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- SCHWINN, Frederico. *Freguesia Silveira Martins*. Caderno b, p. 24, Caixa 5, Missão Brasileira, AHPNSC.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- THOMAS, Keith. *Religião e declínio da magia: crenças populares na Inglaterra do século XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VENDRAME, Maíra Ines. *Lá éramos servos, aqui somos senhores*”: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.
- WIRTH, Lauri Emilio. “Em busca de memórias marginais – Um comentário sobre a conferência ‘A igreja dos imigrantes’”. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST, 2002.